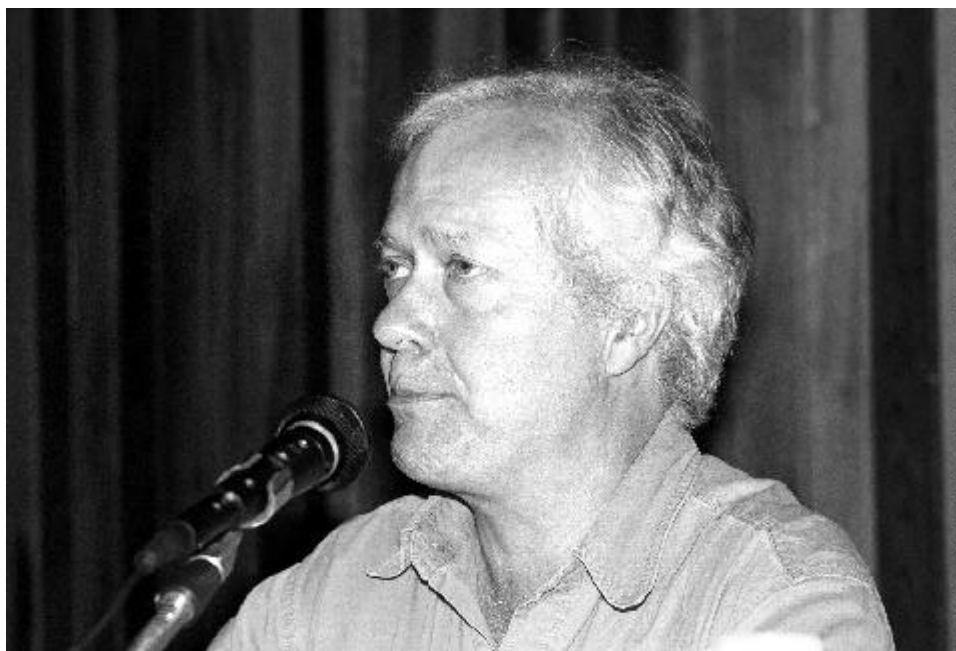


"Se introduzíssemos a diversidade perdida, faríamos muito mais pela fome no mundo"



Desde os anos 80, Pat Roy Mooney vem denunciando os perigos da perda da biodiversidade e da concentração de capital e de poder nas mãos das empresas de biotecnologia, principalmente das que produzem sementes. Essas denúncias, que se tornaram mundialmente conhecidas através do livro *O Escândalo das Sementes*, trabalho mais conhecido de Mooney, não só se mantêm atuais, como estão se concretizando através da segunda e terceira gerações da biotecnologia.

O diretor da ETC Group, antiga Fundação Internacional de Desenvolvimento Rural, com sede no Canadá, segue fazendo seus alertas. Ele esteve no Rio Grande do Sul no início deste

ano, ministrando oficina no II Fórum Social Mundial, quando apresentou, junto com outros integrantes de organizações mundiais, o Tratado pelo Compartilhamento do Patrimônio Genético Comum. O Tratado, assinado por 250 organizações não-governamentais de 50 países, propõe a quebra de patentes, e será levado à Conferência Rio+10, em setembro, em Johannesburgo, para estabelecer a defesa da proposta junto aos governos dos diferentes países.

A entrevista foi concedida à Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável via correio eletrônico.

Revista - Como avalia as mudanças que vêm ocorrendo nos últimos anos nesses campos e como percebe a situação da biodiversidade genética, no mundo?

Pat Roy Mooney - A taxa de erosão no campo dos recursos genéticos de plantas continua sendo de cerca de 2% ao ano. A taxa de con-

* A entrevista foi produzida por Ângela Felippi, Leonardo Melgarejo e Gervásio Paulus.

centração de empresas é muito mais rápida. Por isso, passamos de nenhuma empresa de sementes com 1% do mercado mundial, para cinco empresas que possuem virtualmente 100% do mercado de sementes OGMs (geneticamente modificadas), e para dez empresas com um terço de cada tipo de semente. Entretanto a conscientização sobre estas questões aumentou significativamente. Atualmente, muito se tem feito para conservar a diversidade *in situ* em um nível de comunidade, e a diversidade *ex situ* em bancos de gens controlados internacionalmente. Por isso, nos sentimos bem com relação a algumas ações positivas, mas a linha indicativa da evolução ainda é negativa.

Revista - Que perspectivas se apresentam para os pequenos agricultores, mantidas as atuais tendências no que diz respeito à biotecnologia, aos transgênicos e ao patenteamento de genes, sementes e espécies?

Mooney - Os agricultores ficarão presos entre uma subsidiária de uma empresa que vende insumos e outra subsidiária de empresa que compra a produção.

Revista - A preocupação central do seu trabalho, que focaliza as sementes como bem da humanidade, hoje é assumida pelas principais organizações de trabalhadores rurais do mundo, sendo explicitamente citada pela Via Campesina. Em suas linhas políticas prioritárias, essa condição aponta novo quadro na luta pela preservação dos recursos genéticos? Como avalia este momento e esses novos aliados?

Mooney - Penso que estamos mudando de uma postura defensiva para uma postura mais ofensiva. Temos algo pelo qual lutar no acordo sobre como estes bens genéticos comuns da humanidade deverão ser partilhados.

Revista - O senhor disse recentemente

que se os transgênicos servissem para acabar com a fome no mundo, seria favorável ao seu cultivo. Esse argumento tem validade sob o aspecto quantitativo? O que o senhor pensa a respeito dos outros argumentos: aspectos qualitativos, na linha de "enriquecimento" dos alimentos "tradicionais", e aspectos econômicos, na linha da "redução de custos"?

Mooney - É muito mais provável que a solução para a fome no mundo surja com o fortalecimento dos agricultores como cultivadores de plantas, com mercados e preços estáveis e com a busca por sistemas de produção ecologicamente seguros. Se introduzíssemos novamente a diversidade que foi perdida, faríamos muito mais pela fome no mundo do que através de transgênicos.

Se alguém produzisse uma lavoura transgênica ambientalmente e economicamente segura, a estudariamos cuidadosamente.

Entretanto, se alguém produzir uma lavoura transgênica ambientalmente e economicamente segura, a estudaremos cuidadosamente. Afinal de contas, há 12 mil anos, o cultivo de plantas era uma tecnologia nova, que também repercutiu negativamente tanto na saúde humana como no meio ambiente.

Revista - As empresas de sementes têm divulgado que o Terminator é "a solução verde". Com isso, querem dizer que essa semente controlaria a contaminação de lavouras pela introdução de sementes modificadas, situação que vem se configurando como uma espécie de epidemia, em algumas partes do mundo. O que o senhor pensa a respeito?

Mooney - Não existe nenhuma garantia de que a tecnologia Terminator, algum dia, será suficientemente estável com relação às variedades, de modo a ser controlada em campo. Em nosso *website* (www.rafi.org) temos uma discussão que resume todas as nossas idéias sobre o Terminator, como tecnologia verde.

Revista - O Departamento de Agricultu-

ra dos Estados Unidos está prestes a licenciar o Terminator. Como o senhor vê essa posição do governo americano? Podemos esperar, no Terceiro Mundo, uma avalanche de sementes de milho modificadas, da mesma forma como ocorreu com a soja RR?

Mooney – Sim. Se a empresa estiver correta em relação às suas previsões, é possível que tenhamos algodão Terminator crescendo nos Estados Unidos em 2003.

Revista – Em visita recente ao Brasil, o senhor afirmou que o país irá lucrar caso se mantenha como área livre de transgênicos. Poderia comentar este fato apontando particularidades que sustentam essa expectativa de ganhos econômicos?

Mooney – Dirigentes da *Kraft Foods* na Europa apontaram o Brasil como sendo o único grande exportador de alimentos em que se pode confiar com relação ao fornecimento de produtos livres de OGM para a Europa. Se a moratória européia contra os OGMs continuar, haverá um crescimento considerável de oportunidades para o mercado brasileiro de alguns produtos, não somente na Europa, mas também no Japão e na América do Norte.

Revista – O senhor tem conhecimento do processo de transição agroecológica que está ocorrendo no Rio Grande do Sul, através de política pública do governo do Estado desenvolvida pela extensão rural oficial? Qual sua opinião sobre esse trabalho e quais as perspectivas que vê, dado que caminha quase que na contramão da política desenvolvida pelo governo federal?

Mooney – Nas visitas que fiz ao Rio Grande do Sul neste ano e em 2000, fiquei muito impressionado pela oposição aos OGMs, e pela luta por estratégias agroecológicas, tanto por parte do governo do Estado, como dos agricultores e consumidores. Longe de serem contra as inovações,

eles mais parecem estar desenvolvendo inovações de ponta com relação a práticas agrícolas sustentáveis. Pelo menos, esta parte do Brasil está se tornando uma parte do mundo.

Revista – Há uma terceira geração da biotecnologia - plantas e animais modificados que produzem vacinas, remédios e alimentos enriquecidos - que tende a ser bem-vista pela opinião pública. O senhor acredita que essa tendência irá prosperar? Que implicações isso poderia trazer a agricultores e consumidores?

Mooney – A tendência se desenvolverá porque é comercialmente viável em qualquer país que aceite materiais OGMs. Este tipo de abordagem dos OGMs é muito mais perigoso do que a dos insumos da geração um. Considerem as implicações, caso o milho

Nas visitas que fiz ao Rio Grande do Sul fiquei muito impressionado pela oposição aos OGMs, e pela luta por estratégias agroecológicas, tanto por parte do governo do Estado, como dos agricultores e consumidores.

transgênico *epicyte* escapasse para o centro mesoamericano de diversidade do milho. O milho *epicyte* transforma grãos de milho em matéria-prima para a produção de um contraceptivo feminino. O possível impacto sobre o ambiente e sobre as pessoas é desconhecido, mas obviamente é uma preocupação muito maior do que uma mera resistência ao gene bt.

Revista – O senhor esteve no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. Que impactos o Fórum está apresentando nas discussões sobre biotecnologia?

Mooney – Muito além das minhas expectativas. O Fórum é uma oportunidade absolutamente útil para introduzir novas idéias e para se construir um consenso sobre idéias antigas e campanhas.

É exaustivo e confuso, mas está se tornando um ponto de encontro de inestimável valor para todos da sociedade civil. É importante, embora triste, que o Fórum Social Mundial deva sair de Porto Alegre para outras cidades do Terceiro Mundo, na Ásia ou África. 